



Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

Revista Crimestral

LISBOA

—
1934

Director

O Inspector das Bibliotecas, Arquivo
e Museus Municipais — Joaquim Leitão

N.º 12

Abri
a Junho

COLABORADORES

A. VIEIRA DA SILVA, AFONSO DE DORNELAS,
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO,
ANTONIO BAIÃO, ARTUR DA MOTA ALVES, COSTA VEIGA,
FIDELINO DE FIGUEIREDO,
HENRIQUE CAMPOS FERREIRA LIMA,
JOÃO DA SILVA CORREIA, JUAN TENA FERNANDEZ,
JÚLIO DANTAS, LARANJO COELHO,
LUÍS DE FREITAS BRANCO, LUÍS DA CUNHA GONÇALVES,
LUÍS DE MACEDO, Prof. MOSÉS BENSABAT AMZALAK,
QUIRINO DA FONSECA, SAMPAYO RIBEIRO,
JOAQUIM LEITÃO, ETC., ETC.

Anais das Bibliotecas,
Arquivo e Museus Municipais

Oferta
- 0. NOV. 1998

Inspeção das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais de Lisboa

Anais das Bibliotecas Arquivo e Museus Municipais

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL
ANO IV — N.º 12 — 1934

Dirigida por Joaquim Leitão
Inspector das Bibliotecas,
Arquivo e Museus Municipais de Lisboa



Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

ANO IV

LISBOA — ABRIL A JUNHO DE 1934

N.º 12

Luísa Todi

Conferência realizada ao ar livre, na Rua Luísa Todi, em Lisboa,
na tarde do dia 8 de Julho de 1934

Todos nós, quando calcorreamos na parte de Lisboa que tem pergaminhos — porque absortos no moirajar do pão de cada dia, ou porque despreocupados em deambular madraceiro — não atentamos, por via de regra, nas coisas porque adregamos de passar, alheados que vamos, se não divorciados, do cenário que nos rodeia.

Todavia, quando percorremos esses mesmos sítios com olhos de ver e, por amor de velharias ou simples curiosidade, demoramos a atenção em mil e um pequeninos nadas que se nos deparam, esses locais surgem-nos com seu quê de encantador — como se espiritualizam.

Além somos impressionados por certo cunhal; acolá por curiosa betêsga de ambiente seiscentista;

mais adiante ainda atrái-nos vetusto casarão, com paredes fendidas por gilvazes caprichosos e largas janelas vasiaas como órbitas de cáveira gigantesca.

Outras vezes é pequeno terreiro que começa de aticar nos a curiosidade de saber de seus remotos princípios

Contemplando-o, quantas vezes damos tratos à imaginação para entrevermos cenários retrospectivos!...

...E à nossa fantasia antolha-se como demarcando o local exacto onde outrora verdejava certa veiga vicejante, que fazia o encanto dos visinhos; como correspondendo ao ponto em que se levantava suntuoso palácio, que fôra testemunha de toda a vida de prosapiente ramo

de nobreza; como localizando o sitio em que nos tempos de antanho alvejava pequena ermida a que as gentes devotas acudiam, para renderem graças a milagrosa imagem; como memorando o lugar em que se abria, escoltada por brutas e maciças torres, uma das portas da antiga cêrca, porta por onde, em generosos ímpetos, tantos moços cavaleiros saíram para travar rijas escaramuças em que compravam cara a glória, pois não raro sua vida cheia de promessas era o preço da almejada honra.

Dessa como espiritualidade parece dimanar fluido magnético que actua sobre nós de fôrma estranha e chega a dar-nos a impressão de ouvir voz suavíssima que se nos dirige fagueira, persuasiva, e a cujo ressoar começa de brotar em nós um sentimento vago, indizível, que surratamente nos vai possuindo mais e mais, até se assenhorear da nossa vontade, até nos escravizar com seu feitiço.

Essa voz maviosa e fascinante, que ecoa em nosso coração e não sabemos se vem das coisas que contemplamos, se sai das próprias entranhas da terra que pisamos, é a de uma coisa a que foi moda não dar crédito, mas que pode dizer-se infinita e imanente — a Tradição.

Infinita, porque seu principio se perde na noite dos tempos e não se lhe lobriga termo. Nasce nas brumas da lenda e cada dia que o ritmo da ampulheta vai medindo,

logo que o tempo sobre ele passa sua inexorável rasoira, é carregado a seu activo.

Imanente, porque perdura despercebida para, nos momentos culminantes da vida pátria, a sua voz, de imperceptível, devir clangorosa e estridula como trombeta de prata para, sempre com o mesmo potencial irresistível, nos obrigar a obedecer-lhe, seguindo seus desígnios, que são os de Deus, que são os da vontade das gerações que nos antecederam no alicerçar e no cimentar porfiado e contumaz deste edificio portentoso que é o nosso bem-dito Portugal.

Foi moda dar-se à palavra tradição o sentido restricto que é do domínio da etnografia... E tanto se restringia o significado da palavra que até havia necessidade de a pluralizar: as tradições eram os usos, as superstições e os costumes ancestrais.

Há muita gente que ainda pensa assim e que, quando ouve falar em Tradição, se horroriza e cuida ter de retroceder no grau de civilização e ser forçada a abdicar do usufruto das mil e uma comodidades que o progresso científico tem posto a seu dispor.

Em verdade, porém, a Tradição é muito mais, muitíssimo mais do que isso.

A Tradição é como alma da Nacionalidade.

Foi sua razão de ser, incutiu-lhe personalidade e consciência, ali-

menta-lhe a vida e sobreviver-lhe-á para a ressuscitar sempre que seja mistér.

Porque assim é, a Tradição deve ser objecto do nosso culto fervoroso.

E esse culto faz ver aos homens que a sua missão é, unidos num só pensamento, amar este rincão abençoado, honrar os que se estremaram, ou estremem, nêsse amor e servir a Nação com o melhor de seu esforço.

Sem o culto da Tradição, os homens, escravizados pelos instinctos, degladiam-se em retaliações mais ou menos condenáveis, desmerecem a herança que lhes foi transmitida e empregam o melhor de seus esforços para se servirem da Nação em proveito próprio.

O Nacionalismo português é um facto. Mas para que seja mais consistente, há que impregná-lo da Tradição, porque ela tempera-lhe o ânimo, enrija-lhe a fibra, boleia-lhe as arestas, modera-lhe os ímpetos, consolida-lhe os fundamentos.

Há mais de um século que andamos arredios dela e que, ingratamente, lhe não guardamos o carinho que merece.

Mais ainda: há mais de um século que sacrilegamente se tem buscado forjar uma neo-tradição, toda artificiosa, toda embebida de mentira, toda assestada a fins iconoclastas.

Tem-se buscado cimentá-la à força de altares levantados nas pra-

ças públicas em honra de seus paladinos.

Tem-se nimbado a frente de seus coriféus com auréolas fantasiosas.

Mas tal pseudo-tradição, porque refalsada, porque assente em lutas fratricidas e, sobretudo, porque visava desnacionalizar o país, não se radicou.

Medrou apenas como parasita em organismo doente ou adormecido. Nada mais.

Felizmente que se vem esboçando salutar movimento de reacção.

Há que afagá-lo com carinho.

Há que prossegui-lo com ardor!

Há que levá-lo a cabo com entusiasmo.

Não são de admitir desfalecimentos nesta cruzada bem-dita de reafirmar Portugal na sua missão histórica e civilizadora.

O evangelho da Tradição diz que a Nação é toda, una e indivisível e não apenas agregado de corrilhos que, como corvos sinistros, se entrechocam na disputa do melhor lugar em macabro festim.

Diz mais que a Nação não é só o conjunto de todas as pessoas que habitam seu território em determinado momento.

A Nação, segundo o evangelho tradicionalista, é composta por todos os que habitaram, os que habitam e os que hão-de habitar neste cantinho do mundo, onde não há grão de terra que não tenha sido regado com sangue de português-

ses, que o verteram generosamente na sua conquista e em sua defesa dos ataques cubiçosos de gentes várias.

Do evangelho consta ainda que é preciso não esquecermos que nós próprios seremos Tradição amanhã e que, por isso, devemos pautar nossos actos de modo a servirmos de exemplo aos vindouros e não a incorreremos em sua censura.

Ora, para lograr o predomínio desta doutrina, muito há que fazer, muita actividade há a desenvolver, muitos esforços de toda ordem há que dispender.

Um dos processos é, sem dúvida, fazer reviver nos próprios locais os factos de que elles foram testemunhas; é evocar as páginas de ouro da nossa história e suscitar o amor do povo pelos seus heróis, pelos homens que as tornaram possíveis; é fazer reviver as (felizmente poucas) páginas negras e de opróbrio e incutir nos portugueses o sentimento necessário para, em consciência, marcarem com ignominioso ferrête, bem candente, os seus autores e os seus comparas.

A par dos grandes feitos e das grandes figuras dos campos militar e politico, há também que ensinar a bem-querer os nomes que se illustraram nos demais campos, e nas letras, e nas artes; e a amar e conhecer as obras que nos legaram, ou por que se immortalizaram. Há que divulgar a história dos arrua-

mentos e edificios para, assim, suscitar o interesse e o carinho do povo pelo ambiente em que vive.

Neste campo entra airosa e benemerentemente a actual Comissão Administrativa do Municipio de Lisboa, graças à iniciativa de um homem que em pouco tempo logrou tornar-se bem-quisto de todos os municípios e que — profetizo-o — há de ter a grande consolação de saber seu nome pronunciado com amor por todos os homens bons desta Lisboa prezada.

Refiro-me ao douto arqueólogo e prestimoso edil Sr. Luís Pastor de Macedo que tem sido — a dentro do Municipio — o apaixonado cultor da Tradição, a cujo serviço tem posto o melhor de seu saber e toda a sua intelligente actividade.

Do seu plano faz parte a realização de conferências ao ar livre, effectuadas dentro do critério a que me referi.

A iniciativa é digna de inteiro aplauso e só tem uma condição que a deslustra.

Essa vós a estais vendo — é a mim que cabe a honra de romper a marcha.

Sei que da minha actuação pode resultar o malôgro da tentativa. Espero em Deus, porém, que o que me falta em dotes para vos prender, seja suprido pelo muito amor ao assunto que venho tratar.

Não estou aqui para falar-vos de temas belicosos, nem de proesas

que assobrem pelo denodo que revestiram.

Não é assunto da minha palestra um nome que seja inseparável do da Nacionalidade.

É no campo das artes que vou espriar-me.

Dir-vos-ei duma cantora famosa, nada em Portugal, de pais portugueses e que, noutros tempos, passou a-miude pelo local em que nos encontramos.

Unida pelos laços matrimoniais a um estrangeiro, imortalizou por essa Europa o nome do marido. O mundo inteiro, porém, concorda em atribuir a Portugal a glória de a contar no número de seus filhos ilustres.

Viu pela primeira vez a luz do dia em Setúbal. Fez no primeiro de outubro passado um século que expirou aqui bem perto.

A cidade do Sado, ufanando-se de lhe ter sido berço, comemorou luzidamente o centenário e levou sua bizzarria a-pontos de perpétuar em pedra o seu excelso vulto.

Lisboa ficou de levar a efeito a comemoração. Projectaram-se, como sempre sói fazer-se, coisas mais ou menos grandiosas mas que, infelizmente, não saíram do domínio da imaginação.

A minguá de celebração condigna, que esta minha arenga sirva de memória, embora tardia e mesquinha, do centenário da morte daquella cujo verdadeiro nome foi: **LUISA JOAQUINA DE AGUIAR TODI.**

II

Em dia canicular de há pouco mais de um século, ao luzir o buraco, quando os montes fronteiros ainda estavam enroupados por ténue neblina còr de chumbo, os moradores das cercanias do Moinho de Vento eram despertados pela garrida do vizinho convento de São Pedro de Alcântara que, com seu badalar repetido e cristalino, anunciava aos fiéis a missa da alva.

Por então, quem aqui estivesse, poderia ver, pouco depois, ainda no dilúculo, abrir-se a porta do prédio número dois da Travessa da Estrela, para dar saída a duas senhoras, que, vagarosamente, atravessavam direitas à igreja, emquanto pelo arvoredado das circunjacências a pardalada prosseguia, chilreante e jovial, a saudar o incipiente rosear do horizonte, prenunciativo da chegada do astro-rei.

Uma delas devia andar à beira dos oitenta anos.

Era baixinha e seu porte, longe de alquebrado, denotava ainda certa distinção e gravidade.

Vestia como viuva e mostrava ser cega, pois que se apoiava no braço da outra e levava na mão, que estava livre, pequena bengala com que — a-despeito do disvelo da companheira — ia tenteando o terreno.

Eram a Todi e uma de suas filhas.

Quem havia de dizer que aquella velhinha, de aspecto tão grave e

respeitável, era a mesma pessoa que certa rapariga travessa e desenvolta que, havia sessenta e tantos anos, bem puxados, se estreirara no teatro do Bairro Alto — ao outro extremo da travessa — na versão portuguesa do *Tartufo*, de Molière?

Ninguém diria, ao vê-la tão modesta, como a querer passar despercebida, que se habituara a receber ovações apoteóticas dos públicos mais diversos, a ter a seus pés multidões em delírio, fascinadas, endoidecidas pela magia sem par da sua arte de sentir, pelo encanto irresistível do seu sentir da Arte.

Muito embora andassem de boca em boca histórias de maravilha, architectadas pela imaginação popular sobre indiscreções de alguma criada, o certo é que ninguém supunha até que pontos fora a admiração fanática que suscitara em muitíssimos, ao presenciarem suas exhibições triunfais em emulação forçada com outros gigantes da cena lírica de seus tempos áureos.

Contudo... era bem ela.

Questão de uma hora depois de haver saído, já sol nado então, a Todi voltava para casa e não se lhe tornava a pôr a vista em cima até o dia seguinte ao dealbar.

A vida de recato que levava após a retirada da cena, deviera recolhimento depois que perdera a vista por completo.

Imersa nas trevas da cegueira, só disfrutava de um lenitivo para

derreter o gêlo e quebrar a desolação que lhe iam na alma.

Esse lenitivo era a recordação dos tempos passados.

Eram as saudades — o mais rico bem de alma que a Providência nos outorgou para, resignadamente, nos ajudar a levar a nossa cruz. E em sua fervente piedade, a Todi, rendia graças a Deus por essa grande consolação que, embora revolvendo chagas sempre abertas, lhe produzia, contudo, infável prazer.

As saudades são o misticismo da vida e o seu encanto.

A esse pungir suave e à oração se consagrara a existência da célebre cantora desde que vivia uma noite sem fim.

E aos arrebóis do sol-pôsto, quando cruzavam o ar os mais desencontrados pregões — que tinham o condão de pôr a aguar de guloso o rapazio do sítio — a Todi, sentada em cómoda poltrona, junto da janela, acariciava o lombo do bichano, que vinha enroscar-se-lhe no regaço, e, deliciada com a brisa da tarde, que começava de soprar, dava-se toda ao prazer de recordar.

Revivia seus triunfos e evocava as personagens que conhecera, ao-passo que pelas ruas próximas se gritava a doçura dos figos para a merenda, se teciam gabos à qualidade do gergelim e da alfêloa, retiniam os guinchos das pretas da alcomonia, ou rehoava o pregão sacudido e seco dos que vendiam enfiadas de pinhões...



L' Euterpe del Secolo xviii.
LUIGIA TODI

Apud Theodorum Viere Fecit 1792.

E a Todi lembrava a sua actuação no pátio do conde de Soure, ao-lado da mana Cecília, quando a Zamperini punha Lisbôa em alvo-roço... E até tinha idéa que por causa da famosa veneziana muita gente bôa andara com a cabeça à razão de juros e ficara com a algibeira escorridinha do último ceitil.

Via mestre David Perez, então em plena glória, apear-se da sege que o trouxera aos solavancos, a fim de ensaiar alguma ópera, desde a Calçada da Ajuda—onde morava em certo prédio que esquinava para a Travessa da Guarita, a qual, em razão da notoriedade do compositor napolitano, o povo havia crismado com seu nome.

E toda se enternecia ao recordar os primeiros rebates de simpatia por certo rabequista que a estre-mara manifestamente das demais.

la então nos quinze anos. ¡Quanto tempo havia passado!...

Começara por levar o caso a rir. Chegara mesmo a queixar-se à irmã mais velha da insistência com que o mafarrico do homem a olhava e a seguia.

A breve trecho, porém, (não sabia como fôra) entrara de simpatizar com aquela adoração muda, certo dia quebrada por inocente galanteio que acolhera ruborosa e... desvanecida.

Depois... fôra a-mais e, por fim, certa manhã tórrida de julho, saía triunfante, pelo braço dêle, da pequena igreja das Mercês, tôda en-

volta em véus brancos, coroadade perfumadas flôres de laranjeira e sob agreste granizada de confeitos que lhe jogavam de todos os lados.

Havia mais de sessenta anos que isso fôra, todavia, parecia-lhe ter ainda no ouvido o repicar festivo dos sinos, cujos badalos andavam num virote por obra e graça da choruda gorjeta que o padrinho esportulara.

Por sua mente, como em alvo de cinema, perpassavam outros momentos da sua vida.

Via-se a caminho do Pôrto para ensaiar, no teatro do Corpo da Guarda, seus primeiros passos no género sério. Ficava-se por lá, depois, sempre muito apreciada pelos súbditos de S. M. Graciosa.

Lá tivera os filhos mais velhos.

E com que ternura evocava seus primeiros tempos de mãe!

A reminiscência representava-lhe o berço de cortinados em que, qual botão de rosa, dormitava, embalado pela sua voz de oiro, um pequenino ser, que era carne sua, que era sangue seu.

Certo dia, quando menos se precatava, entrara-lhe, porta dentro, um contrato para o teatro Real de Londres. E recordava sorridente o alvoroço de que se possuira deante da perspectiva de tão longa viagem.

Lembrava também que tinha tido que a fazer por terra, pois estava à espera do seu Francisco, que viria a nascer, durante a jornada, em Aranjuez.

Ainda mantinha bem viva a recordação do seu primeiro contacto com o público londrino, que não lograra entusiasmar devido ao confronto pejorativo a que a sujeitara a lembrança da Sestini, que actuara até o ano anterior e fora ídolo dos frequentadores de Hay-market.

Envolta nas memórias de Londres, representava-se-lhe na mente a grave presença do rei Jorge III, assistindo ao seu benefício, com a famosa *Buona Figliuola*, de Piccini, e ela desempenhando a parte de Cecchina, papel que fora uma das criações da Zamperini.

Era depois um nunca acabar de êxitos e de pessoas de vulto que conhecera: testas coroadas, músicos insignes, literatos famosos, príncipes preclaríssimos, artistas de renome...

Ao evocar as suas estadas em Paris, relembra a forçada rivalidade com a Mara, emulação em que interviera a mexeriqueice política, que dera causa a formação de partidos — tal como para Gluck e Piccini.

Estabelecidas as correntes, os ânimos haviam-se incendiado e o empresário soubera aproveitar-se do caso com mestria.

Por desconfiarem que a Mara, por alemã, tinha a complacência da *Austriaca*, os homens da *Encyclopédie* tinham-se constituído em sua aguerrida coorte, e de tal modo se lhe haviam aferrado que, quando ela tornara a Paris, em vésperas da famosa jornada da Bastilha, a ha-

viam revolucionariamente proclamado *Chantatrice de la Nation*, por opposição ao que era de uso ao tempo...

Via-se festejada por Luis XVI e por Maria Antonietta.

Por natural sucessão de idéas, evocava outros soberanos que conhecera — Frederico II, o imperador da Áustria, Carlos IV... — e de quem guardava gratas recordações ou pequenos ressentimentos.

De todos eles só o famigerado rei da Prússia lhe havia sido fundamentalmente antipático.

Outro tanto se não dera com a imperatriz da Rússia, que a honrara com faustoso acolhimento e lhe dera públicas demonstrações de apreço.

O seu vulto majestoso, como no quadro de Ericssen, desenhava-se-lhe ainda na reminiscência, e bem sabia quanto houvera de artificioso nesse apreço...

Para a Todi não era segredo que a grande Catarina fazia de Mecenas de artistas famosos apenas por ostentação e nada mais.

Tinha ainda presente o minúsculo teatro do Retiro, cujo palco pisara tanta vez só para ser ouvida por escassa dúzia de pessoas, entre as quais se contava, por via de regra, o feíssimo grão-duque herdeiro — futuro Paulo I — em honra de quem cantara, primeiro em Gratz, mais tarde no castelo de Carlsruhe, residência dos margraves de Bade, de quem o *tsarevitch* era hóspede.

A-propósito recordava a figura do compositor Sarti e o seu primeiro encontro com Marchesi — o célebre *evirato* — ali nessa mesma cena. . . . E, em consciência, acusava-se de ter posto tôda a alma no desempenho dos papeis que lhe couberam, para o diminuir, para o ofuscar, para dêle triunfar pela primeira vez, como mais tarde triunfaria em Veneza.

Via-se em Berlim (escriturada na Ópera Real e cultivando a amizade das filhas do gigantesco Frederico Guilherme II), em Viena e no Régio, de Turim, perante Victor Amadeu III, da Sardenha.

Lembrava-se de Mozart, de Paisiello, de Cimarosa e de tantos outros menores.

Evocava também a mais apazível de quantas viagens fizera: a descida do Reno, por entre paisagens de maravilha, quando seguia de Berlim para a cidade dos doges, onde a aguardava a maior consagração da sua carreira.

E a sua alma peregrina vibrava ainda de comoção ao relembrar a homenagem que, de surpresa, os músicos da capela do eleitor de Colónia lhe haviam tributado. Tinham-na esperado a poucas léguas de Bonn, tendo à sua testa o organista Neefe.

. . . E, a-propósito, entrevia ainda o perfil grave de certo jôvem que lhe chamara a atenção e a quem augurara futuro brilhante.

Era seu nome Luiz de Beethoven e mal sabia a Todí como seu vaticínio se cumprira e mal sabia

também que ele já não era dêste mundo, quando ela rememorava aquele fugaz e remoto episódio que tivera por cenário uma das salas dos velhos paços do eleitor.

Via-se em Pádua, levada a pêso de oiro, para cantar na *feria del Santo*, e recordava que não perdera ensejo de rezar junto do túmulo do nosso taumaturgo.

Também guardava gratas recordações das duas temporadas que fizera em Madrid e em cujo intervalo viera num pulo a matar saúdaes e a rever esta cidade de Lisboa, de que estava separada havia mais de quinze anos.

E bem lembrava a sua surpresa ao saber se por cá tão afamada, pois fôra solicitada para cantar em duas das festas comemorativas do nascimento da princesa da Beira. Tais convites tinham envolvido grande prova de consideração — tanto mais que um dêles partira do próprio Intendente geral da Polícia — pois constituiram honrosíssima excepção, que não foi aberta para mais ninguém.

Não era permitido às mulheres o pisarem a cena, mesmo em casas particulares.

Esta disposição cumpriu-se à risca durante anos e anos, mas. . . não se applicara a ela! . . .

. . . E uma pontinha de vaidade, aliás legítima, levava-a a ufanar-se do facto.

Era, por fim, o termo da sua carreira, em Nápoles, donde voltara

cumulada de presentes e com seu futuro assegurado por grossos cabedais amealhados em vinte e tantos anos de vida artística.

A seguir... vinham as tristezas.

Era primeiro a morte do marido que a colocara em dolorosa viuvez a que ainda não se afizera.

Depois, a invasão francesa, dando aso ao desastre do Douro no qual perdera bom quinhão de seus haveres, naquele maldito dia em que a Ponte das Barcas se abriu com o péso da população que fugia espavorida deante do exército de Soult.

Por fim: a cegueira progressiva, já quando fixada na capital.

.....
Fundo suspiro rematava este longo desfiar de saudades, que, a despeito de seu amargo travo, eram o único consólo que a sua alma atribulada encontrava, para fazer esquecer as trevas em que o Destino a mergulhara para sempre. E nesse suave reviver se comprouve basto tempo, até que, por junho de 33, teve o primeiro insulto apoplético.

Então foi, pode dizer-se, um morrer aos bocados.

Cega e desmemoriada, a Todi, deveu farrapo humano, cujos sofrimentos os disvelos das filhas buscavam minorar, embora sem esperança de remédio.

E, qual candeia cuja luzinha, à minga de azeite, vai mirrando, mirrando, até ser morráo bruxoleante, até não ser: a Todi foi definhando,

foi esvaindo-se e, quando já só era sombra do que fôra, adormeceu como justa na paz do Senhor, no primeiro de outubro de 1833, quando em volta de Lisboa troavam canhões em luta fratricida e dentro da cidade a peste ia alastrando...

III

A voz feminina que, em qualquer tempo, se tem encontrado com maior frequência é a de suprano, designação de origem italiana que alcançou destronar a de tiple, que os espanhóis ainda adoptam. Compreende-se, pois, que seja nêsse timbre que mais celebridades tenha havido.

Algumas dessas vozes, por circunstâncias especiais e estudo apropriado, pôdem chegar a realizar coisas que a muitos mortais se antolham prodigiosas.

Estão nêsse caso os chamados supranos ligeiros, que antes deviam designar-se supranos de agilidade.

Com efeito, a mór parte das gentes, ao escutar seus trinados, tem a sensação do prodígio e toma por autêntica maravilha a garganta que tem o condão de cantar de fôrma a lembrar as vozes das mais apreciadas aves.

Na segunda metade do século XIX a mais famigerada cantora desse género foi a Patti.

No culto popular lisboeta nenhuma logrou exceder ainda a cotação alcançada pela Maria Galvany, que o falecido comendador Santos

trazia ao Coliseu das portas de Santo Antão.

Tais cantoras, com seus cuidados vocalizos, suas notas picadas e repetidas, seus trinos ondulantes, realizam, sem dúvida, prodígios de técnica e revelam, mesmo, dotes de excepção.

Mas... o auditório, ao ouvi-las, pasma, não se deleita.

Os seus gorjeios entontecem-nos, mas dentro em nós nenhuma sensibilidade desperta, nenhuma corda vibra por simpatia.

A arte de tais cantoras é toda exterior, a alma não participa dela.

Sensibiliza o ouvido, não fala ao coração.

Ao escutá-las o assombro possue-nos. Em nosso íntimo, porém, não sofremos a mais leve comoção.

Cuido haver muita gente que supõe que a Todi enfileirou na numerosa falange dos rouxinóis humanos.

Enganam-se.

A voz da Todi era de contralto, embora um pouco mais extensa que de uso. Subia mais um nadinha e a voz, nas notas agudas, tomava um timbre velado, que lhe era peculiar e que a artista aproveitava sãbiamente para conseguir certos efeitos.

Era talvez um defeito; mas a sua extraordinária perícia sabia transformá-lo em qualidade.

Nos dois últimos quartéis do século XVIII ainda abundava certa classe de cantores de aspecto másculo a quem, por via de determi-

nada operação cirúrgica, se conservava artificialmente a voz de meninos.

Eram apreciadíssimos e o seu timbre era quasi sempre de contralto.

Por isso, era difficilimo alguém, que não fôsse a-sexuado, celebrar-se nêsse tom de voz.

A Todi, porém, conseguiu-o e de tal modo que por duas vezes, em Petersburgo e em Veneza, levou a melhor a um desses célebres castrados — o famoso Marchesi, a quem apelidavam de «mais exímio músico de Europa».

Não é agora occasião para esmiuçar os predicados artísticos de tais cantores, que eram preferidos por todos os públicos e que El-Rei Dom José apreciava doidamente ouvir.

O tempo urge e ainda não vos disse quais as qualidades que impuseram a Todi.

Poucas palavras bastam para o fazer:

A Todi era um verdadeiro temperamento artístico. Cantava prodigiosamente e representava prodigiosamente. Cantava representando e representava cantando.

Teve o raro condão de nela se amalgamarem idealmente as duas artes cuja missão é escancarar o mais recôndito dos sentimentos que agitam as personagens incarnadas pelo artista.

O seu cantar não era só a resultante de aturada ginástica metódicamente imposta aos órgãos produ-

tores da voz. Não se impunha apenas pela perícia indiscutível com que a emitia e dela fazia uso.

O seu representar não era só o desfiar de palavras com entonação convencional, comentado por gestos mais ou menos apropriados. Não se impunha apenas porque estudasse ao espelho as atitudes que assumia ou porque aperfeiçoasse as inflexões à força de se ouvir.

Não.

A Todi cantava e representava com a alma, se não era apenas *medium* que agia sob a acção mágica de misterioso e potente impulso interior.

A Todi não interpretava papéis a seu sabor.

Incarnava as personagens. Metia-se nelas. Vivia-as.

A Todi não cantava, com preocupação e rebusca de efeitos, amoldando a melodia a seu sentir.

Tinha a singular possibilidade de encontrar a alma da Música.

Por isso, qualquer melodia ouvida por seu intermédio, comentava tão justa e perfeitamente as palavras que apiedava quando traduzia angústia, comovia quando soluçava, como esfrangalhava o coração dos ouvintes quando se exasperava.

A sua arte não era centrífuga, não irradiava dela para o auditório.

Essa mulher, quando em cena, transfigurava-se e a sua alma devinha iman poderoso que centripetava e acorrentava irresistivelmente as almas dos ouvintes.

Já em Paris, a-quando do seu chamado duelo com a Mara, alguém dizia que ao ouvi-la (especialmente quando a voz se lhe velava e adquiria tal timbre que dir-se-ia coada por lágrimas) não havia pessoa a quem os olhos se não marejassem.

Ao passo que a Mara provocava ovações entusiásticas, que brotavam irreprimíveis ainda mal terminada a última nota, o cantar da Todi criava ambiente de êxtase e de encanto tais que o auditório como não se lembrava de a aplaudir. Só depois de desvanecida essa como embriaguês as palmas irrompiam e, então, a multidão electrizada devinha como possessa e aclamava com delírio a artista privilegiada que conseguia chegar ao imo da alma dos ouvintes.

Em Veneza, quando a população acorria em massa a escutar, no teatro de São Bento, o famigerado Marchesi, a Todi fez sua estreia, no de São Samuel, com a ópera que foi a sua corôa — a *Didone abbandonata*, baseada na tragédia do poeta cesáreo.

O êxito foi espantoso.

E para que se não julgue haver exagero na qualificação, vou dar a palavra ao crítico teatral da mais importante gazeta que, por então, se publicava na cidade de zimbórios de oiro, canais de sonho e céu de anil.

«Sábado passado (27 de novembro de 1790) a fama da senhora Todi chamou

«ao nobilissimo teatro de
«São Samuel tanto público
«que não havia lugar de-
«volutu.

«Era preciso grande me-
«recimento para corres-
«ponder à enorme expecta-
«ção que havia, e, se a
«Todi logrou excede-la, e
«muito, convém acentuar
«que a cena dramática nunca
«teve em seu sexo quem
«fôsse digna de seu con-
«fronto.

«Formosura de corpo,
«justeza e energia no gesto,
«voz belamente timbrada,
«arte que chegue (com re-
«quintes logrados à-custa
«de muito trabalho) a en-
«cobrir defeitos naturais,
«perfeição nesta ou naquella
«das várias maneiras de can-
«tar, são qualidades que,
«de quando em vez, havia-
«mos admirado separada-
«mente, que suscitavam
«aplausos, mas que, toda-
«via, deixavam como vasio
«na ânsia de perfeição para
«que sempre propendem a
«inteligência e o bom gosto.

«Desta vez, porém, veio
«até nós a Mulher que, fa-
«zendo-nos esquecer todas
«as outras, por mais famo-
«sas, que a precederam na
«carreira da glória musi-
«cal, reúne em si todos os
«dons da natureza, todas

«as faculdades do estudo,
«dons e faculdades que a
«serem distribuidos por
«muitas, bastavam para dar
«lustre a muitos teatros.

«Vimos finalmente Dido
«em cena e estamos ainda
«compenetrados e comovi-
«dos por suas imensas des-
«ditas.

«A majestade real, o
«amor ardente e constante,
«os seus atormentados
«queixumes, a ira, o des-
«dém, o desespero, suce-
«dem-se alternadamente
«em seus gestos e entona-
«ções, sem que qualquer
«deles a deixe menos gran-
«de, sem que qualquer de-
«les a deixe menos rainha.

«A mais sublime actriz
«das cenas francesas não
«poderia erguer-se melhor
«à dignidade de um trono,
«nem vergar-se mais sob
«o império da zombaria,
«nem tentar Enéas com os
«frenesís do ciúme, nem
«incarnar a alma de Me-
«tastasio em todas as vá-
«rias situações do drama.

«Este elogio considera
«apenas a actriz, pois não
«ousamos estende-lo ao
«brío, à expressão, ao en-
«canto e à agilidade de
«seu cantar celestial.

«A doçura, o deleite, a
«admiração, o entusiasmo

«que se produzem por
 «amor dele, podem expe-
 «rimentar-se, mas não po-
 «dem exprimir-se».

Um seu admirador e panegirista, Della Lena, diz-nos que «as
 «árias que ela cantava eram tão
 «bem acentuadas que todos os vá-
 «rios sentimentos da poesia se ins-
 «culpam e representavam na mente
 «dos que a ouviam, despertando-
 «lhes e fazendo-lhes sentir depois,
 «por seu turno, todas essas sensa-
 «ções».

A sua encarnação da célebre amante de Enéas ficou única nos anais do teatro lírico de todos os tempos.

O público delirava ao ouvi-la cantar o célebre rondó *Non ha ragion ingrato*.

Mas o ponto culminante da tragédia, que ela vivia intensamente e em que toda a sua alma vibrava, era o final, quando, sucessivamente sabedora da fuga de Enéas, da infidelidade de sua própria irmã, do escárneo de Jarba e da traição da sua confidente, vendo Cartago a ser pasto das chamas que os moiros haviam ateado, ela, dementada de todo, se deitava nas lavaredas que já iam consumindo o paço real, com a mira de encontrar na morte o ponto final de tantas amarguras.

Dizia o crítico citado:

«Depois de termos ou-
 «vido tantas outras Didos
 «que ficavam imóveis para
 «melhor gargantear a

«sua morte, vimos agora,
 «graças à Todi, uma Dido
 «que (sem os modos in-
 «convenientes dos que
 «buscam comover em de-
 «masia mas não logram
 «impressionar ninguém)
 «conservando sempre a
 «dignidade da personâ-
 «gem, por entre as chamas
 «ateadas e a ansiedade
 «própria dos derradeiros
 «momentos, desde:

Va crescendo il mio tormento,
 «até o último verso:

Il cenere di Lei la tomba mia,
 «atrespassa com seus la-
 «amentos os sensíveis cora-
 «ções dos ouvintes, en-
 «che-os de grata tristeza
 «e, com a propriedade das
 «atitudes declamatórias,
 «com o graduar proporcio-
 «nado de imensa dôr e o
 «cantar mais meigo, mais
 «apaixonado e mais plan-
 «gente que pode sair de
 «humanos lábios, remata a
 «tragédia deixando os es-
 «pectadores confrangidos,
 «maravilhados e de certo
 «modo desgostosos por não
 «acharem palavras que cor-
 «respondam a tanto mere-
 «cimento, nem elogios que
 «aproximar-se possam de
 «seus altíssimos predica-
 «dos».

Nessa cena admirável, Della Lena, retrata-a «com o rosto perturbado, «pálido e definhado, o olhar incerto e «esgaseado, os cabelos desgrenha-«dos» deante do braseiro que a atrai poderosamente, «soltando seu triste «e patético cantar com a voz mais «meiga, comovente e animada da «mais violenta paixão que a um só «tempo despertava a piedade e a «compaixão e o terror do auditório».

Esta criação da Todi, mais que nenhuma outra, inflamou o estro dos poetas e, é de crer, também os corações.

Há dois epigramas — um italiano, outro espanhol; um feito em Veneza, o outro em Madrid — que emquanto o mundo existir hão-de evidenciar sempre quão sublime foi a Todi no desempenho da desventurada rainha de Cartago.

O poeta veneziano dá a entender que ela simulava de tal modo amor por Enéas que não era de admirar que, ao vê-la representar, se incendiasse no peito dos espectadores o mesmo sentimento, mas... por ela.

O vate madrileno é castiçamente espanhol. O seu epigrama, porém, em sua concisão, é mais eloquente do que o outro.

O de Veneza está vulgarizado entre nós e diz assim:

Tu di Didone il core
Si bene a noi dipingi,
Che da stupir non é
Se quell'ardente amore
Che per Enéa tu fingi
Noi lo sentiam per te.

O de Madrid creio não ser conhecido.

Eu vo-lo digo:

Al falso Eneas sa trama
Poco le habiera valido
Si, antes de echar-se en la llama,
Le habiera llamado Dido
Como la Todi le llama.

De envolta com o chiste tão castelhano que ressuma deste epigrama, uma coisa ressalta — a entonação que a Todi dava à voz quando, em seu desespero, chamava por Enéas, era aliciante e irresistível.

Se Dido o houvera chamado assim, êle não poderia ter-se-lhe escapado...

Mas é que Dido não podia tê-lo chamado assim e nenhuma outra intérprete o podia chamar como a Todi.

¿Porqué?

¿Qual a razão desse exclusivo?

— Porque nem Dido, nem as suas outras intérpretes foram o que a Todi era.

E ¿que era então a Todi?

¿Que encanto especial, ou poder sobrenatural era êsse, que lhe permitia realizar milagre tamanho?

É que a Todi ¿era portuguesa!

Tinha a alma peregrina que só os verdadeiros portugueses têm — alma que é capaz de operar prodígios de heroísmo através privações sem conto e que está sintetizada na frase *Alma até Almeida*; alma cuja sede de ideal é tão grande, tão grande que nada a satisfaz, nada a

sacia; alma que, por impregnada do saudosismo que é apanágio da nossa raça, vibra como nenhuma, tem possibilidade de se erguer no azul, em vôos de águia, tão alto, tão alto que quasi alcança os pés de Deus...

A razão principal da fascinação que a Todi exerceu por toda a parte onde cantou no género sério, não foi o timbre singular da sua voz, não foi a sua perícia admirá-

vel, não foi o seu temperamento excepcional, nem a sua arte consumada.

O segredo do seu triunfo incomparável, residia na sua alma dúctil e maleável, na sua alma radiosa e imarcescível, na sua alma capaz de traduzir o belo com justeza de maravilhar e sensibilidade única—[na SUA ALMA PORTUGUESA!

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO.

A Ribeira das Naus

Conferência realizada no Terreiro do Paço (lado Ocidental)
na tarde de 15 de Julho de 1934

Antes de me ouvirdes algumas singelas evocações da Ribeira das Naus, famosos estaleiros navais que existiram bem perto donde se encontra agora, este obscuro cidadão e velho marinheiro que vos fala, bradarei, conturbado de emoção:

— «Salvé, Lisboa, magnífica Princesa do Atlântico!

Reparai, como o voluntarioso Tejo, um enamorado de sempre, antes de se precipitar desvairadamente no Oceano, vem rojar-se, submisso, a vossos pés, e nesse argênteo espelho, podereis rever, antes surpreendida que vaidosa, os vossos encantos sem par!

Permiti também, que o mais ínfimo desta legião dos admiradores e servidores vossos, ousadamente, pela voz e pela alma de todos eles, recorde agora um dos atributos das glórias que vos cabem: — Serdes Princesa do Atlântico —

Até o soberbíssimo imperador Carlos V, avaliando a influência do poder naval, e invejoso do vosso estuário do Tejo, dizia, ha séculos:

— «Fosse eu Rei de Lisboa, que em breve o seria de todo o Mundo!»

Lisboetas, concidadãos, amigos! Velhos com a alma repleta de saudades e tolerância! Moços de coração ardente de amor e de fé!... Acompanhai-me nesta oração evocativa dos antigos amores, porém sempre rejuvenescentes e firmes, que ao mar tem dedicado a nossa Capital, Rainha cheia de graça, Metrópole recamada de tradições.

A Ribeira de Lisboa — eis onde foi situar-se, palpitante e tímido de seiva, o coração desta princesa encantada e muito namorada também.

À beira do próprio coração da cidade, quási entre o azul do ceu e o azul das águas, tudo em luz de glória e luz de esperança, me coloquei agora, para vos recordar preciosas tradições, ó povo de Lisboa, que dêsse coração da nossa terra, sempre sentistes o caricioso arfar.

Aqui, onde nos juntamos e donde vos falo; e mais além, nesse magestoso terreiro pombalino; e subindo ainda, pelos arruamentos da cidade baixa, mesmo ao longo dos vales de Santa Marta e Rua da Palma de nossos dias, espraiaava-se a Ribeira

de Lisboa, nos primeiros tempos do nosso Portugal.

Quasi toda a gente que por aqui estanceava, vivia do mar ou dependia d'ele. Sedução irresistivel!

O pôrto de Lisboa era o mais espaçoso, acolhedor e ameno de toda a Europa Occidental.

Situado no trajecto marítimo da velha civilisação mediterrânica, para a Europa do Occidente, havia de tornar-se, desde éras longínquas, escala necessária da navegação.

Por isso, Lisboa, adollescente, mas já Princesa e requestada, se embelezou cada vez mais; foi um Eden para esses viajantes de aventura, colonos, ocupantes, bárbaros invasores, fazendo-se ela, mimosa e garrida, para a todos prender, sempre também presa ao galanteio do mar.

Não sabemos quantos anos foi logradouro dos remotísimos Fenícios, sob o nome de *Alis ubbo*, que significava «cidade amena», como realmente já se mostraria e nunca deixou de o ser; mas durante 619 anos se conservou município romano autónomo; nos 315 anos seguintes, foi vítima dos Bárbaros do Norte; depois, suportou 433 anos a escravidão dos mouros vindos do Sul, e ha 787 anos que é muito nossa, mais longamente a tendo possuido que nenhuns outros. Assim, foi engrandecendo em riqueza e fama, tornando-se um empório, ao qual os grandes potentados de então, prestavam vassalagem.

Como não havemos de orgulhar-nos que seja nossa?

Recordai-vos do que nos conta o respeitável cronista Fernão Lopes, sobre o que se passava em tempo do Rei D. Fernando I, ou ha quasi 5 séculos:

— Sómente de vinhos, escrevia elle, carregavam-se no Tejo, por ano, cerca de 12:000 tonéis, ou sejam 24:000 pipas, além das que levavam os navios em segunda cargação, no mez de Março. Com os navios que vinham de fóra, e os existentes em Portugal, jaziam muitas vezes, ante a cidade, 400 a 500 navios de cargação.

Tambem estavam à carga, no Rio de Sacavem ou na Ponta de Montijo, do lado do Ribatejo, 60 a 70 navios em cada lugar, carregando de sal e vinhos. E pela grande quantidade de navios fundeados em frente da cidade, tornar difficil a mareação por entre eles, as barcas de Almada (a que chamaremos agora, botes cacilheiros) tinham que ir aportar a Santos —

Isto buscamos nos Fastos da História Pátria, ou é uma alucinação de sonho distante? Não, assim como não foi em sonho que entrevimos as navegações do inclito Infante D. Henrique, as empresas de Ceuta, Alcácer, Arzila, Mazagão, o desvendar de tãda a Africa misteriosa, de occidente a oriente, a Índia, o Brasil, e os próprios Lusíadas.

Em remotas eras, a primitiva Lisboa, apenas se recostava pelas

vertentes orientais, já fortalecida por indústria dos Mouros, com uma resistente cerca, a precave-la de cubiçosas investidas.

A Ribeira de Lisboa, pelo seu esteiro do Vale Verde, subterrado actualmente, formando a Praça de D. Pedro, contornava a primitiva cidade, até ao sopé do Monte de S. Gens, onde se localiza o moderno Largo do Intendente e a velha rua do Boi Formoso, cujo nome se corrompeu para Bemformoso.

Embarcações de rasoável calado, iam, pelo menos, até junto do Mosteiro de Santa Justa, fundado em tempo de D. Afonso Henriques, cerca do actual Arco do Marquês do Alegrete.

Mas, pouco a pouco se foi aterrando e repelindo para o Tejo, regularmente canalizados, os enxurros que alagavam esse estuário da Ribeira de Lisboa, até que, no reinado de D. Dinís, ou fins do século XIV, esse antigo riacho, de todo subterrado, foi transposto de Oriente para Ocidente, por uma artéria citadina, a Rua Nova, que corresponde à moderna Rua dos Capelistas.

Cerca da Rua Nova, existiam as Taracenas onde se aprestavam as galés do Estado, abicadas na sua visinhança.

Suponha-se que essa praia das galés, ficaria onde hoje se ergue robustamente, o Banco de Portugal.

O Tejo, que outrora banhava a escarpa do morro de S. Francisco,

para o qual subimos hoje pela calçada com o mesmo nome, não dando trânsito pela terra firme, ao sopé dessas encostas abruptas, também se fez recuar, por aterros consecutivos.

Êstes permitiram, mais tarde, as instalações da Ribeira das Naus e o fácil trajecto para as bandas da Porta da Oura, obra talvez de D. Dinís, e que se abria para as bandas do actual Largo do Corpo Santo.

Tão grandioso pôrto, como o de Lisboa, despertando a tentação de além-mar, bem depressa foi um centro de actividade náutica que surpreendeu o Mundo, ainda mediocremente confiado nos Oceanos.

Em cerca de meio século, após a conquista de Ceuta, realizada em 1415 — além dos 242 navios destinados a essa empresa — se aprestaram em Lisboa, os de uma grande frota que se empregou na tentativa da tomada de Tânger, em 1437; 352 baixéis destinados á conquista de Alcácer Seguer em 1458; numerosas embarcações que transportaram a malograda expedição a Tânger, em 1463; mais 447 navios para a tomada de Arzila, em 1471, além de muitos outros servindo em navegações diversas e alguns centos de barcas, barinéis e caravelas que activamente se ocuparam nas expedições de descobrimento e conquista, ao longo da Costa Ocidental de África, sob a orientação memorável do Infante D. Henrique.

Em Regimento dado por D. Afonso V, aos almirantes de Portugal, ainda nos pródromos de uma actividade marítima que viria a ser famosa, se exaltava a profissão dos nautas, dizendo-se:

— «Maravilhosas cousas são os feitos do mar e assinadamente aqueles que fazem os homens em maneira de andar sobre ele por mestria e arte.»

E também se recomendava aos homens do mar:

— «Não se deem a tardança, nem a preguiça às cousas que devem; porque, bem assim como, o mar não é vagaroso em seus feitos, mas faze-os azinha e depressa, bem assim os que em ele querem andar, devem ser aguçosos e apressados nas cousas que houverem de fazer».

Tão proveitosa seria a recomendação, que, volvidos 80 anos apenas, El-Rei D. Manuel se intitulava — primeiro senhor da navegação.

Como os marinheiros portugueses desse tempo, andaram aguçosos e apressados em senhorear os mares!

As praias da Ribeira de Lisboa, desde o Cais do Carvão, pelas alturas de Santa Engrácia, até Santos, eram um extenso espalmedoiro ou estaleiro naval.

O rei D. Manuel, o Afortunado rei, acompanhava de perto e interessadamente, a febricitante preparação dos navios para viagem ou a sua descarga para os Armazens da

Guiné, situados junto da praia, a ocidente do terraplano já então feito e que viria a ser, o futuro Terreiro do Paço.

A fim de evitar as saídas frequentes do antigo Paço da Alcáçova dentro dos muros do Castelo, onde residia, e mais comodamente vigiar essa labuta da Ribeira das Naus, resolveu construir, junto a esta, outro Paço destinado a sua moradia, tal construção se alteando em parte, sobre os vastos Armazens da Guiné, e o Paço da Ribeira veio portanto a situar-se, um pouco à rectaguarda do actual torreão Pombalino onde se instala o Ministério da Guerra.

As obras foram longas, calculando-se que durassem pelo menos, de 1500 a 1505, até que o monarca ali estabeleceu a sua residência habitual.

Iniciou-se então, a grande actividade da Ribeira das Naus, que se prolongou durante precisamente 250 anos, sob a visinhança propícia do régio Paço da Ribeira.

Só nos primeiros 20 anos das carreiras para a Índia, fizeram essa trabalhosa derrota, 231 navios, entre naus, galeões e caravelas, e depreende-se portanto, a correspondente faina, bem intensa, que caberia à construção naval.

Cristóvão Rodrigues de Oliveira, cronista da nossa Capital, referia em 1551, que na Ribeira das Naus se empregavam então, 227 carpinteiros de navios, 18 carpin-

teiros de aparelhar mastros e 100 calafates, auxiliados por numerosos trabalhadores.

Como os homens de outras eras se agarravam à vida e à sua profissão! Por exemplo:

Em 21 de Julho de 1752, faleceu o carpinteiro da Ribeira das Naus, Luís Rodrigues, que ali trabalhou até aos 120 anos de idade, sem faltas, sem feriados e sem licenças.

Morreu solteiro, este herói da carpintaria naval, porque as mulheres, no seu tempo, não apareciam na Ribeira, para a vida da qual e das suas naus, elle só viveu como centenário!

Em meados do século xvi, quando escrevia o citado cronista de Lisboa, Cristóvão Rodrigues de Oliveira, além do número que já mencionei, de carpinteiros de navios, existiam em toda a Ribeira, mais 200 artifices deste officio, supridos muitas vezes pelos carpinteiros de casas, que eram em número de 492.

A multidão dos calafates tinha arruamento próprio, no Bairro Alto, e os carpinteiros de remos, estanceavam à beira-rio, onde se ficou chamando Praça dos Remolares, ou Caes do Sodrê, que era o nome de um mareante notável.

Pilotos para o mister de dirigir a navegação, haviam 167; fabricantes de cartas de marear, 10; marítimos de várias categorias, 918; pescadores, 603; mulheres que também pescavam e decerto com muito proveito, 400; apontavam-se mais

30 mulheres que faziam rede de pesca. A par desta população marítima cidadina, os mestres de gramática, eram apenas 7, e os tangedores de tecla, a que chamamos hoje pianistas, limitavam-se a 20, felizmente.

Bons tempos aqueles, de meados do século xvi, em que 12 homens podiam ter a profissão de achar ouro nas praias de Lisboa, e os artifices de ourivesaria e lapidários de pedras preciosas, eram em número de 462.

Então, Lisboa tinha cêrca de 100.000 habitantes, dos quais se indicam 2.000 mulheres sem officio. Hoje, não deve observar-se entre elas, tal carência de officio.

Tudo muda, ou para melhor ou então, piorando.

Outro cronista de Lisboa, Nicolau de Oliveira, vivendo cêrca de 50 anos depois do citado Cristóvão Rodrigues de Oliveira, ou em princípios do século xvii, dá conta do aumento da população da Ribeira das Naus, onde diz trabalharem 1.550 carpinteiros, calafates e seus auxiliares, acrescentando:

— «A' vista deste mesmo Paço da Ribeira, se fazem todas as Armadas, para todas as Conquistas».

Dizia-se que singravam então no Tejo, mais de 1.500 barcos «de ganhar e de pescar», isto é, de carga e pesca.

Foram tantos os progressos realísados pelos nossos artifices de construção naval, que 12 anos de-

pois de Vasco da Gama haver alcançado a Índia, isto é, em 1512, carpinteiros experimentados na Ribeira das Naus, da nossa Lisboa, faziam construir em Cochim, a nau *Santa Catarina de Monte Sinai*, de 800 tonéis, a maior e mais formosa que existira até essa data.

Tem-se julgado que, decorrido tempo, os nossos construtores navais, houvessem esmorecido na competência que os havia distinguido. Mas, nunca os portugueses deixaram de ter navios seus, para sulcar todos os mares.

Refere o cronista Diogo do Couto, que a nau *S. Pedro*, embora construída na remota Índia, em 1537, se manteve durante 22 anos, em trabalhosas derrotas para ali, e em 1559 ainda servia no Tejo, como cábrea, bastante forte para levantar pesos, como um velho mas rijo atleta.

Mais recentemente, demonstrando o apreço em que era tida a nossa arquitectura naval, diz-se que, os construtores ingleses, agradados das linhas airoas e boas faculdades para o mar, da nau *Rainha de Portugal*, construída no Arsenal da Marinha, em 1791, lhe copiaram as fôrmas.

A criação do nosso Império Colonial, promoveu o transporte em navios portugueses, de muitas riquezas, e em grande parte, a Ribeira das Naus teve de suprir as exigências dessa activa navegação.

Somente nos três anos, de 1718 a 1720, recebeu Lisboa, prove-

niente do Brasil, 1.628:698 moedas de oiro chamadas «peças», 7:634 quilos de oiro em pó ou em barra, 32:190 caixas de açúcar, 32:870 rolos de tabaco, e até, a importação alarmante para três anos apenas, de 143:340 couros, além de muitas outras mercadorias, incluindo escravos e papagaios.

Para este grande movimento commercial, largaram do Tejo, a carregar no Rio de Janeiro, na Baía e em Pernambuco, numerosas frotas que no ano de 1810, por exemplo, compreenderam 1:215 navios portugueses. Notai isto. 1:215 navios que nesse ano sulcaram o Atlântico, entre o Velho e o Novo Mundo, arvorando orgulhosamente a bandeira de Portugal, muitas vezes tendo a nossa gente que pelear com os que, declarando-se inimigos políticos, se organizavam principalmente como piratas.

Só numa viagem, a nau *Nossa Senhora da Atalaia*, nos trouxe do Oriente, em 1760, 440:491 arráteis de chá, ou sejam 202:175 quilos, e grande carregação de variadíssimas fazendas, como por exemplo: 6:640 leques chineses e 58:630 delicados e exóticos bules de louça, como lastro.

Que destino caprichoso, teriam tantas curiosidades orientais, que os portugueses fizeram conhecer na Europa?

Alguns navios se tornaram notáveis nessas comissões. Tal foi a nau *S. Lourenço*, lançada ao mar,

em 1716, que por 9 vezes comboiou para Portugal e sem incidente, as frotas do Brasil, ricas de mercadorias.

O terremoto de 1755, tremendo sinistro que destruiu grande parte de Lisboa, fez-se principalmente sentir nestas proximidades, quasi tudo reduzindo a escombros e destroços fumegantes, pelos incêndios que se atearam sem remédio.

Na Ribeira das Naus, por completo derruíram estaleiros, armazéns e outras dependências; no Paço da Ribeira, recinto de variadíssimas peripécias históricas — onde representou mestre Gil Vicente e penou encarcerado, sem esposa e sem Reino, D. Afonso VI — mil preciosidades de todo o género e extremado valor, se aniquilaram; a livraria, de incomparável substância; quadros famosos; tapeçarias raras; a capela real que era um mimo de arte sacra; o magnífico teatro da Ópera, que se fizera anexo, em tempo de D. José I, para entretenimento ameníssimo de cortezãos, mas efêmero como um sonho.

Sob o mando firme e arguto de Pombal, a cidade moribunda reanimou-se; por bem dizer, rejuvenesceu, até com galhardia, e no próprio local da Ribeira das Naus, se ordenaram as instalações que a substituissem — o Arsenal de Marinha de nossos dias.

Tive a satisfação de encontrar as contas da empreitada que se pro-

longou de 1757 a 1768, para a mão de obra na construção Pombalina do Arsenal da Marinha e alas do Terreiro do Paço.

Admirei, pois, essa notícia de um trabalho de gigantes, realizado velozmente, ao tempo em que a mecânica não era como hoje, um poderoso auxiliar do trabalhador.

Decorridos 9 anos, a empreitada cessou, pelo falecimento dos empreiteiros, que deixaram quasi concluída a parte relativa ao Arsenal, e muito avançada, a das alas no Terreiro do Paço, continuando a obra a jornal, por conta da Junta do Comércio.

Os vigamentos eram então fornecidos às carradas, porque outra unidade menor, não se coadunava com o vulto ingente da construção.

Aplicaram-se nesta, durante a empreitada, 88:942 carradas de vigamentos de madeira de Flandres, 227:844 táboas de solho, de igual madeira, 1358 portas e janelas, de rija madeira do Brasil que por certo agora nos espreita nostalgicamente, pelos numerosos vãos dessa mole Pombalina, recordando os sertões Baianos, onde se creara.

A análise do custo da mão de obra, há pouco menos de 2 séculos, assombra-nos, evidenciando a instabilidade venal do dinheiro.

Por exemplo: O assentamento de todas as cantarias da fachada da entrada do Arsenal e da face

oposta, no interior do edificio, incluindo as suas varandas e balastradas magestosas, importou em 300,500 réis, como indicam os respectivos documentos.

Mas também, a grande nau *Nossa Senhora da Caridade*, construída por esse tempo, custou 69 contos, e um modesto navio de guerra, custa hoje 10:000.

Em 2 de Abril de 1841, lançou-se ao mar, no Arsenal de Marinha, a última nau portuguesa, que se chamou, por coincidência estranha, *Cidade de Lisboa*.

Em 1835, transformada em pontão, e crismada com o nome heroico de *Vasco da Gama*, ia-se venerandamente inutilizando, apesar do patrono glorioso, até que em 1873 foi vendida para desfazer.

Assim, na posse de um mercador insensível às curiosidades da arqueologia naval, a última nau portuguesa acabou a sua atribulada existência, durante a qual, até sofreu um desarvoramento de toda a mastreação e se ia perdendo, à entrada do Rio de Janeiro.

Fraca representação náutica da cidade de Lisboa, e que só teve de memorável, ser a última como nau; de facto, último exemplar de um tipo naval em que os estaleiros de Lisboa haviam sido prodigiosamente fecundos e notavelmente especializados. Mas o Arsenal da Marinha, que substituiu a Ribeira das Naus, menos do que esta, não chegará a viver dois séculos.

Tudo agora é mais transitório e fortuito, embora pareça desafiar o tempo.

A vida tornou-se breve e difficil. O que é novo, mesmo recém-nascido, avança a remover quanto se diga velho e até respeitável, por que não seja fácil repeti-lo.

O cimento armado, que se ergue numa hora, triunfa da muralha e da arte, que precisaram longa applicação e teimoso esforço.

O movimento em tudo e animando todos, accelera-se vertiginosamente, e isto, não em gerações, mas em instantes. O que basta agora, será lentidão e estôrvo amanhã. A cidade, também animada por essa vertigem, reclama espaço, ar e beleza, a jorros. Temos de lhe dar tudo, porque sendo os nossos amores, também como Princesa e amada, é duplamente exigente, irresistivelmente ambiciosa, e nós gostamos de a vêr linda, sedutora, garrida. Até não nos desagrada, sabe-la requestada.

Vestígios da antiga Ribeira das Naus! Quem os descobrirá, dentro de pouco tempo?

Que importa! Serviremos a cidade e a sua gloriosa beleza!...

Salvê, Lisboa, magnifica Princesa do Atlântico!

Está finda esta banalissima palestra e aos que actualmente velam com dedicação e efficacia, pelos interesses e melhoramentos da cidade, na pessoa do digno presi-

dente da Comissão Administrativa do seu Município, Sr. Coronel Linhares de Lima, não podendo olvidar-se o seu prestante colaborador e inspirador dos serviços culturais da capital, Sr. Pastor de Macedo,

endereço, como obscuro e velho amigo de Lisboa, respeitosa saudações, gratas homenagens, e também as minhas desculpas.

QUIRINO DA FONSECA.

Inspeção das Bibliotecas Arquivo e Museus Municipais de Lisboa

ESTATÍSTICA

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Movimento de espécies no 1.º semestre de 1934

Existência em 31 de Dezembro de 1933 67.345

Volames entrados no semestre :

Janeiro	118
Fevereiro	107
Março	98
Abril	117
Maió	2.058
Junho	172
	2.670

Volames existentes em 30 de Junho de 1934 70.015

Movimento de leitores no 1.º semestre de 1934

Meses	BIBLIOTECAS								
	Central (Palácio Galveias) Leitara			2.º Bairro (Largo da Escola Municipal) Leitara			Alcântara Leitara		
	Diarna	Nocturna	Total do mês	Diarna	Nocturna	Total do mês	Diarna	Nocturna	Total do mês
	Diarna	Nocturna	Total do mês	Diarna	Nocturna	Total do mês	Diarna	Nocturna	Total do mês
Janeiro	188	202	390	552	—	552	451	440	891
Fevereiro (a) ...	158	155	313	472	131	603	513	382	895
Março	326	173	499	563	107	670	843	564	1.407
Abril	560	247	807	623	132	755	567	396	963
Maió	756	507	1.263	828	313	1.141	530	534	1.064
Junho	546	500	1.046	1.010	685	1.695	706	535	1.241
Totais por leituras ..	2.534	1.784	—	4.048	1.568	—	3.610	2.851	—
Totais por Bibliotecas	4.318			5.416			6.461		
Total geral ...	16.195								

(a) — A leitura nocturna da Biblioteca do 2.º Bairro foi inaugurada em 5 de Fevereiro.

Museus Municipais de Lisboa

Espécies entradas por oferta, compra, incorporação e legados,
durante o ano de 1933

Museu Municipal

Ofertas:— Ex.^{mo} Sr. M. Teixeira Gomes:

- Um quadro a óleo representando a chegada ao Tejo do cruzador inglês *Carysfort*.
- Quadro a óleo, de Luciano Freire.
- Marinha algarvia, de Falcão Trígoso.
- Água-forte, de Sousa Lopes.

Anónimo:

- Oito cartões de convites para cerimónias e lagares públicos de Lisboa, do século XIX.

Câmara Municipal de Lisboa e Compra:

- Oito peças diversas.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

Ofertas:— Amigos— Defensores do Museu:

- Um jarrão côr azul Sévres, ilustrado com a conhecida história *Para onde vais Maria?*...

- Uma bilha, gravada no fando: *Peça única/Ensaio* e a data 1890.
- Carta autógrafa de Rafael Bordalo Pinheiro para José Queiroz, datada de 21 de Maio 99.
- Carta autógrafa de Cruz Magalhães para José Queiroz, datada de 3/6/908.
- Carta autógrafa de Joaquim de Vasconcelos para José Queiroz, datada de 30 Janeiro 1905.
- Carta autógrafa de Joaquim de Vasconcelos para José Queiroz, datada de 12/11/905.
- Carta autógrafa de Joaquim de Vasconcelos para José Queiroz, datada de 21-4-907.
- Processo de habitação para herdarem da Misericórdia o que esta devia a D. Justiniana Amália Bordalo, requerido por D. Nicolina Fortunata Bordalo Pinheiro, António Miguel Bordalo Pinheiro e Manuel Maria Bordalo Pinheiro.

Ex.^{mo} Sr. Alvaro Neves:

- Um exemplar de *O Bon Odori em Tokushima*, por Wenceslau de Moraes
- Um exemplar de *Graves y Frivolos*, por Gonzaga Duque.

Ex.^{mo} Sr. Pedro Bandeira :

- Gravura da *Jarra Beethoven*, com dedicatória autógrafa de Rafael Bordalo Pinheiro.

Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel de Sousa Pinto :

- Um exemplar *Da França ao Japão*, pelo Dr. Francisco António de Almeida.
- Uma fotografia de Rafael Bordalo Pinheiro.
- Uma fotografia de D. Elvira Bordalo Pinheiro.

Ex.^{mo} Sr. Pedro Aguiar :

- Alfinete de manta reproduzindo a cabeça de Zé Povinho com barrete frígio de barro pintado.

Legado de D. Helena Bordalo Pinheiro :

- Cento e uma peças diversas, constituídas na sua quasi totalidade por peças de faianças da Fábrica das Caldas da Rainha, assinadas e datadas, contendo muitas a marca que Rafael Bordalo usava nas peças especiais.

SUMÁRIO

TEXTO:

LUÍSA TODI, Sâmpayo Ribeiro — A RIBEIRA DAS NAUS, Quirino da Fonseca — ESTATÍSTICA DAS BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA — MUSEUS MUNICIPAIS DE LISBOA.

Capa (Anverso): — TRECHO DE PAINEL DE AZULEJO REPRODUZINDO A ILUMINURA DO REGIMENTO DE D. MANUEL AOS VEREADORES E OFICIAIS DA CAMARA DE LISBOA (1502) — *Fábrica Constância* — *Cartão do prof. Leopoldo Battistini* — *Ornatos de Viriato Silva* — *Fotografia do Ex.^{mo} Sr. Comandante António José Martins.*

Anais das Bibliotecas, Arquivo e Museus Municipais

Ano I — (N.^{os} 1 e 2 — 182 pags.)
De Junho a Dezembro de 1931 — **Esc. 10\$00**

Ano II — (N.^{os} 3 e 4 — 97 pags.)
De Janeiro a Junho de 1932 — **Esc. 10\$00**

Ano II — (N.^o 5 — 25 pags.)
De Julho a Setembro de 1932 — **Esc. 7\$00**

Ano II — (N.^o 6 — 48 pags.)
De Outubro a Dezembro de 1932 — **Esc. 7\$00**

Ano III — (N.^{os} 7 a 10 — 76 pags.)
De Janeiro a Dezembro de 1933 — **Esc. 25\$00**

Ano IV — (N.^o 11 — 36 pags.)
De Janeiro a Março de 1934 — **Esc. 7\$00**

Ano IV — (N.^o 12 — 32 pags.)
De Abril a Junho de 1934 — **Esc. 7\$00**

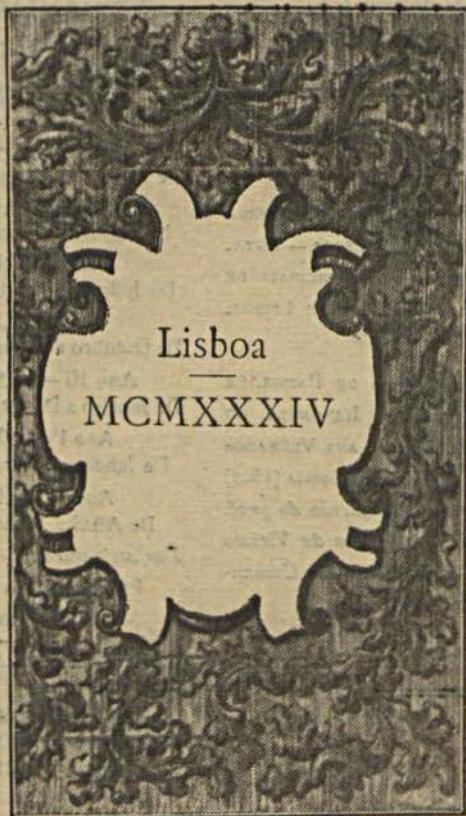
Por assinatura:

Prêço de cada número — **Esc. 7\$00**

Um ano — **Esc. 25\$00**

Sousa Martins — *In Memoriam* — **Esc. 4\$00**

DEPOSITÁRIOS EM TODO O PAÍS:
Livraria Rodrigues & C.^a
RUA DO OURO, 123 — LISBOA



Lisboa

MCMXXXIV